

a novidade da aplicação da teoria girardiana. O próprio René Girard que o prefacia, ao mesmo tempo que louva a aplicação da teoria por ele próprio desenvolvida, não hesita em o qualificar como «um grande livro» (p. 10). Como quer que seja, para os teólogos e as teólogas deste tempo, no mínimo ele oferece mais uma perspectiva de abordagem, a ter em conta na sua própria compreensão e no seu ensino.

JORGE COUTINHO

DUNG, François-Xavier Nguyen Tien, **La foi au Dieu des chrétiens, gage d'un authentique humanisme. Henri de Lubac face à l'humanisme athée**, coll. «Théologie à l'Université», Institut Catholique de Paris / Desclée de Brouwer, Paris, 2010, 513 p., 235 x 150, ISBN 978-2-220-06173-3.

Estamos perante uma tese de doutoramento em Teologia apresentada pelo autor ao Instituto Católico de Paris e à Universidade Católica de Lovaina. François Xavier N. T. Dung é vietnamita e tem diante dos olhos especialmente a realidade do seu país, onde, embora o ateísmo apresente aspectos diferentes em relação ao do espaço ocidental da cultura, o cristianismo é alvo de acusação e mesmo de perseguição. Ali como no Ocidente ao tempo de Henri de Lubac, a religião cristã aparece como obstáculo à realização do ser humano. Daí que a interrogação fundamental que está no ponto de partida deste estudo seja formulada pelo autor nos seguintes termos: verdadeiramente, «será o cristianismo um obstáculo à realização do homem?»; Dito de outro modo: Porque é que o cristianismo, que originariamente foi uma força de libertação, se tornou no decurso da história um adversário dessa libertação?

Marcel Neusch, no Prefácio, nota com pertinência que a religião precede o ateísmo e que este não se compreende senão como reacção contra aquela. Exatamente em nome do homem. Por isso é pertinente e mesmo lógico que, antes de olharmos para o ateísmo em si mesmo, olhemos para a religião contra a qual este assumiu o seu combate. O autor desta tese procura, por isso, com razão e com H. de Lubac, encontrar razões históricas que provocaram aquela reacção, conduzindo, concretamente, a uma ideia do cristianismo como anti-humano. O ateísmo afirma-se em nome do homem, contra a religião que tendia a aniquilar o mesmo homem *in nomine Dei*; denuncia a desvirtuação do homem como *imago Dei* e considera o Deus que lhe era subjacente um Deus (apenas) *imago hominis*. Feuerbach, Marx, Nietzsche e Comte são, justamente, referidos como emblemáticos nesta viragem de uma religião anti-humanista para um ateísmo como humanismo: o humanismo ateu.

Mas o humanismo ateu revela-se, ele próprio, como bem notou H. de Lubac, um anti-humanismo. Conduz à autodestruição do homem e à negação do direito como ordem da justiça. Daí o seu carácter dramático: proclamado em nome do homem, volta-se contra o homem. Foi o que o teólogo jesuíta procurou mostrar no seu conhecido livro *Le drame de l'humanisme athée* (1944). O autor da tese faz a história deste livro e analisa a essência do seu conteúdo, as suas fontes bíblicas, teológicas e filosóficas e o seu estilo. Refere também algumas críticas vindas do interior do catolicismo, incluindo de alguns jesuítas. Realça então a descoberta lubaciana de que, embora tendo tido um êxito notável e sucessivas edições, em certa medida, o livro estava fora do novo espírito do tempo. Era (ainda) demasiado em modo de combate ou, no mínimo, de protesto e

apologética. Essa descoberta é feita já sob a atmosfera nova do Concílio Vaticano II e torna-se especialmente patente em *Athéisme et sens de l'homme* (1968). O diálogo com os ateus assume então o lugar da polémica. E o problema do sentido do ser humano, visto comparativamente do lado do ateísmo e do lado do cristianismo, torna-se o objecto central da sua reflexão.

Tudo isto é analisado por François-Xavier Dung numa primeira parte do seu texto. A segunda de três partes leva por título «Do conhecimento de Deus à compreensão do homem. A *imago Dei* restaurada em Cristo». Explora aí a ideia lubaciana do homem «imagem de Deus» como fundamento do conhecimento do mesmo Deus e sua primeira revelação e analisa a ilusão do ateísmo sobre a humanidade do homem, afinal alienado do seu Deus, que não alienado por Deus (p. 235). Refere, a propósito, o contributo do ateísmo para a purificação da fé. Detém-se sobre o pensamento de Lubac sobre Cristo revelador do homem e revelador de Deus. A grandeza do homem advém do seu ser imagem de Deus, sendo a sua semelhança divina (que de Lubac distingue do simples ser imagem) o verdadeiro caminho da humanização.

A terceira parte da dissertação centra-se na orientação da antropologia de H. de Lubac de uma base e um plano predominantemente naturais para um plano mais decididamente sobrenatural. Trata-se agora da visão do homem recriado em Cristo como «nova criatura», pela obra da Redenção, chamado à transfiguração de si mesmo pela visão beatífica. O autor passa em revista as publicações lubacianas sobre o sobrenatural e analisa os respectivos conceitos de «sobrenatural», «sobrenatureza» e «natureza pura». Detém-se no exame das publicações sobre a Igreja (*Catholicisme* (1938); *Méditation sur l'Eglise* (1953); etc.).

Traça as grandes linhas da eclesiologia do padre de Lubac, procurando inseri-las na linha de fundo da sua tese, realçando o papel da Igreja na instauração de um verdadeiro humanismo.

Em modo de conclusão, François-Xavier Dung realça como aquisições da sua pesquisa três fundamentais ideias: a percepção lubaciana do humanismo ateu, a ideia de que o conhecimento de Deus determina o ser cristão e a de que a escatologia cristã constitui o arquétipo de um autêntico humanismo. Além disso, procura evidenciar a relação entre humanismo cristão e valorização da pessoa, construção da democracia, responsabilidade ecológica e respeito pelas culturas.

Como é próprio de trabalhos deste género, o livro integra uma extensa bibliografia (pp. 467-506), activa e passiva, sendo as obras e escritos de Henri de Lubac apresentados por ordem cronológica.

O presente texto oferece um largo panorama da obra do Padre de Lubac e da sua evolução, na perspectiva de um humanismo cristão face ao humanismo ateu. O autor teve a preocupação de, em relação a teses anteriores, sublinhar aspectos de novidade, com pontuais distanciamentos e inovações em relação a algumas leituras da obra daquele teólogo. Preparado, pensado e escrito por um vietnamita, este trabalho sobre a obra de Henri de Lubac, que foi um teólogo europeu e que pensou e escreveu em função do espaço ocidental da cultura, não deixa de sugerir ao prof. Marcel Neush uma questão de fundo de ordem prática: «Será que as “armas” utilizadas permanecem válidas para servir os desafios do diálogo com o ateísmo no contexto do Vietname?» O autor pensa, todavia que sim. Com efeito, como afirma logo de entrada, no seu país – que, além de familiarizado com religiões que propriamente não incluem uma crença nem um

culto a um Deus pessoal, está sob a influência dominante do regime comunista – os professores não cessam de repetir aos seus alunos que o único verdadeiro humanismo é o humanismo ateu, concretamente o da ideologia marxista-leninista.

JORGE COUTINHO

KÜNG, Hans, **L'Islam**, coll. «Patri-moines», Les Éditions du Cerf (www.editionsducerf.fr), Paris, 2010, 956 p., 230 x 145, ISBN 978-2-204-08759-9.

Quem tem seguido o percurso teológico de Hans Küng sabe que ele se tem preocupado e ocupado, nos últimos anos, com o diálogo entre as religiões, em estreita ligação com a sua procura de caminhos para uma ética universal. Duas coisas, aliás, que se ligam, por sua vez, intimamente, com a causa da paz no mundo. A presente monografia sobre o Islão insere-se nesta ordem de coisas. Ciente, por outro lado, de que não só o cidadão comum é, em regra um ignorante das coisas religiosas e das religiões em si mesmas, ela pretende oferecer um contributo sério para o conhecimento de uma das que, presentemente, se revelam mais carecidas desse conhecimento, porque mais problemas está colocando à paz entre as religiões, as culturas e as nações: precisamente o Islão. A sua ideia é de que, muito mais que construir novos diques de inimizades, ódios e vinganças, importa abater preconceitos e lançar pontes de diálogo, em atitude de compreensão e respeito mútuos, mais preocupados com o que une do que com o que separa.

O seu extenso estudo encontra-se dividido em cinco partes, versando, sucessivamente, em referência ao Islamismo, sobre: a origem, o centro, a história, os desafios da nossa época e as aberturas para o futuro.

No que toca à origem, aborda duas imagens: a de um Islão hostil e a de um Islão idealizado; e vai no encalço das suas raízes, onde se misturam, no Oriente próximo, diversas grandes religiões, com destaque para os judeus, os cristãos e os judeus cristãos na Arábia onde irromperá a religião de Maomé, com as suas raízes, comuns às três grandes religiões do Livro, em Abraão.

No centro do Islamismo está, precisamente, um livro, assumido como caído do Céu: o Corão. Küng explora e explica a sua mensagem central: não há outro deus além de Deus (intencionalmente, não diz «outro Deus além de Alá»); Maomé é o seu Profeta; o Profeta é um dirigente. Expõe, em seguida, os elementos centrais estruturantes da prática islâmica: a esmola, o jejum e a peregrinação.

Alonga-se mais, como é natural, na análise da história. Expõe sucessivamente sobre o paradigma da comunidade islâmica primitiva, sua expansão, seus esboços de teologia e de direito e sua grande crise de que resulta a divisão em partidos. Segue-se uma análise de vários outros paradigmas de concretização histórica do Islão. O paradigma do império islâmico, com a sua política religiosa imperial, a oposição chiíta, o nascimento do direito islâmico, a tensão para se tornar um império mundial e, finalmente, a sua crise. O paradigma clássico corresponde, exactamente, ao do Islão como religião universal. Küng analisa a emergência da *sunna* como «tradição do Profeta», as quatro escolas de direito, o debate teológico entre revelação e razão e a desintegração do império. Segue-se o paradigma dos *ulemas* (escolas de direitos transformadas em movimentos populares) e dos *sufis* (confrarias místicas), com uma multiplicidade de Estados resultantes da desintegração do império, as sumas teológicas, a ascensão e a queda da filosofia